

**REVELANDO CENAS E INSCREVENDO ESPAÇOS: AS FOTOGRAFIAS E OS RASTROS POSSÍVEIS DE SE ACESSAR CENAS DA VIDA COTIDIANA DA AROEIRAS DAS DÉCADAS DE 1920-1960.**

**Autor: Iordan Queiroz Gomes<sup>1</sup>**  
(PPGH – UFCG)

iordangomes@yahoo.com.br

**Co-autor: Luiz Carlos dos Santos (PPGH – UFCG)**

A assertiva de que “o historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história” pode ser reveladora para pensarmos amplitude dos “materiais do tempo” que hoje a disposição do historiador de ofício. Deve-se considerar, portanto que “de resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das neves eternas o historiador faz outra coisa, faz deles história” na ênfase ao trabalho de transformação semelhante “aquele feito com o mineral já refinado. Transformando, inicialmente matérias-primas (uma informação primária) em produtos standard (informações secundárias), ele os transporta de uma região da cultura (as ‘curiosidades’, os arquivos, as coleções, etc.) para outra (a história)”.<sup>2</sup>

Essa questão, cremos, passa pelo que Bloch chamou atenção para o fato de que ao mesmo tempo que se amplia o campo do historiador, amplia-se, indiscutivelmente, a tipologia da sua fonte<sup>3</sup>. Ora, a entrada em cena de novos campos de abordagens para história trouxe a necessidade de ampliar a noção de fontes histórica trazendo para os domínios de Clio novos temas e objetos de estudos. Já sabemos que os sujeitos “marcam” sua passagem pelo tempo e, é sob a companhia dessas inscrições que saímos em busca de recompormos o passado. Logo, falamos em um conhecimento, a saber, o próprio conhecimento histórico, possibilitado pelo encontro com os rastros, essas marcas da atividade humana no tempo, as fontes históricas, que dizem sobre o passado ausente fazendo da história um conhecimento “investigativo”, interpretativo, que possibilita a visualização desse tempo referente.

Pensada enquanto documento nossas convicções partem da premissa que diz serem as imagens “o resultado direto de sociedades históricas para imporem-se ao para o futuro,

---

<sup>1</sup> O Autor é mestrando pelo programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, na Linha de pesquisa Cultura e Cidade com Projeto de pesquisa intitulado: sensibilidades e representações na construção da cidade de Aroeiras: entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960), sob a orientação do Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha.

<sup>2</sup> (Cf. CERTEAU, Michel, **A Escrita da História**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 79)

<sup>3</sup>(Cf. BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p54)

voluntaria ou involuntariamente”, como nos lembra LeGoff<sup>4</sup>. Nesta feita acreditamos que as imagens fotográficas “muito pode nos ensinar sobre a fisionomia de nossas cidades”. Assim, poderíamos parafrasear Cabral Filho e afirmar que “supomos a análise das imagens fotográficas como documentos que permitem uma aproximação das práticas sociais com a sua dimensão simbólica, considerando as tensões e conflitos que, historicamente, permeiam as sociedades”. A possibilidade de tomar a fotografia enquanto um registro histórico investe na assertiva de que remetem, antes, a um passado vivido, representado, experienciado e “nos ínsita a imaginarmos determinadas situações a partir de uma simples paisagem, quer urbana, quer rural; aproxima-nos de modos de vida diferentes dos nossos, de modas, de hábitos, de formas de viver [...]”<sup>5</sup>.

Contudo, tais imagens, quando utilizadas como fontes históricas, documentos/monumentos pelo historiador deve-se levar em consideração algumas preocupações referentes a forma sobre o como “usar” tais impressões do tempo nas pesquisas históricas. Falamos em termos de método, e sobre isso, Dubois nos fornece elementos quanto a possibilidade de se tomar a fotografia enquanto registro histórico. Para ele, a riqueza da imagem fotográfica reside em seu caráter “indicial”. Para Cabral Filho, na leitura de Dubois, o pesquisador deve buscar nas imagens fotográficas a “sua condição de índice, isto é, os signos que expressam, num determinado momento histórico, uma relação de ligação, de pertencimento, de existência contemporânea com o seu referente”<sup>6</sup>.

Neste caso, seria possível pensar a fotografia enquanto pertencente a um tempo referente, que nos possibilita perceber certos “sinais” como pertencentes a um passado possível de ser acessado. Entender a fotografia e sua relação com os sinais do tempo, em seu caráter indicial, completa Cabral Filho, “acrescenta a necessidade de compreensão das motivações que geraram tais fotografias”, pois “no processo de realização do seu trabalho de pesquisa com essas imagens, é fundamental que o pesquisador identifique os interesses que as fizeram surgir, o que as informou, que realidade social propiciou a sua produção”<sup>7</sup>.

Pensando assim, concordamos com o autor, quando na leitura de Boris Kossoy, “as fotografias, assim como qualquer outra modalidade de documento, não devem ser tomadas como expressão fiel da realidade” de modo que “a sua capacidade informativa depende da

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da Unicamp, 1994, p. 548.

<sup>5</sup> Sobre o uso da fotografia pensada enquanto documento que fala do passado ver Cabral Filho no texto Intitulado: Imagens e imagens: a pretexto de uma introdução. (Cf. FILHO, Severino Cabral. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens**. Campina Grande, UFCG, 2009, p. 15-42).

<sup>6</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>7</sup> Ibidem.

contextualização com a experiência histórica no tempo e no espaço que propiciaram a sua realização<sup>8</sup>”. O confronto de informações, o questionamento das imagens fotográficas, talvez, na clara pretensão de separar o possível, o verossímil do falso, dos falseamentos que uma imagem pode conter deve ser levado em consideração, lição primordial na investida de tomar a fotografia como fonte histórica, documento que traduz em si um referente passado. Pois, pensar a fotografia, para fins de nossa investida, é pensá-la como um indício histórico.

Dito isso, em nosso exercício de acessarmos certas representações das transformações urbanas da cidade de Aroeiras no período em destaque, utilizamos algumas imagens fotográfica de modo a querer perceber nas mesmas certos indícios que “atestassem” nossas preocupações. Cotejada com outras fontes, a exemplo da memória mediada pela oralidade, artigos de jornais, projetos e anteprojetos de leis, anuários estatísticos, dentre outros, tentamos cruzar informações, confrontar narrativas na pretensa de se está submetendo nossa investida ao senso da “crítica histórica” de modo a “examinar as fontes a fim de distinguir o verdadeiro do falso, e, para tanto, em ‘fazer falar’ testemunhas das quais se sabe que podem enganar-se ou mentir, não para confundi-las, mas ‘para compreendê-las’<sup>9</sup>”. Aos poucos começamos a perceber que em meio ao meio aos silêncios dessas fontes havia um sequestro de vidas passadas, de certas experiências vividas em um outro tempo.

#### DAS IMAGENS E CENAS COTIDIANAS ENTRE O URBANO E O RURAL: REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIDADE NA AROEIRAS DE TEMPOS PASSADOS...

A princípio, as imagens selecionadas, nos remetem as décadas de 1930 e 1940. Naquele momento, Aroeiras era uma pequena Vila pertencente a cidade de Umbuzeiro desde 1904 quando esta última é elevada à categoria de Sede do Município pela Lei Estadual nº 225 daquele mesmo ano<sup>10</sup>. A partir do contexto da década de 1920, Aroeiras recebeu em seu perímetro urbano certas conquistas materiais, a exemplo dos equipamentos de telégrafos (1919), os primeiros aparelhos radiofônicos para transmissão de ondas de rádio (1936) e o motor e equipamentos de luz elétrica em 1937 além de contar com certas marcas de

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>9</sup> Veja-se Ricoeur na leitura de Bloch sobre a “luta com o documento” para registrar a entrada da crítica histórica na relação com os testemunhos do passado (RICOEUR, Op. Cit. p. 183).

<sup>10</sup> Estas informações foram retiradas da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros em 1960 (p. 413), publicada em comemoração ao 4º aniversário do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek, em 31 de janeiro de 1960, sob a coordenação do IBGE. Veja-se ainda no livro “**Natuba Sua História e Sua Gente**” por MONTENEGRO, Francisco de Albuquerque, em 1982. Nele contam informações retiradas da “Revista do Ensino da Paraíba” editada em 1930 e elaborada pelo Professor Emílio Chaves. Os dados os quais narram as transferências de categorias administrativas da cidade de Umbuzeiro foram obtidos a partir das informações dessa revista.

materialidade urbana, algumas reformas e melhoramentos, tidas como conquistas, comemoradas, desejadas e sonhadas por muitos moradores locais. Contudo, a pequena Aroeiras em sua configuração urbana parecia conviver intimamente com traços de ruralidade que podem ser vistos em muitas das práticas e relações cotidianas de seus antigos moradores.

É bem verdade que muitas dessas conquistas é levada por meio dos poderes legais em tom de verdadeiras festas cívicas, extensivas por todo o dia, adentrando pela noite, como foi o caso da inauguração da luz elétrica naquele primeiro de Agosto de 1936. Uma festividade capaz de, talvez por alguns, trazer vida para a pequena comunidade. Por alguns minutos, em festividades como aquela, as ruas do lugarejo se enchiam de vida, de sociabilidade quebrando com seu ritmo de vida característico, podemos dizer, seu ritmo de vida mais lento e rotineiro. Em festividades como aquela, dada o caráter de novidade, os aroeirenses experimentavam outros ritmos, entrava em certa agitação, era como se Aroeiras quebrasse o seu silêncio e solidão.

Por outro lado, cessado aquele dia de festividade em que “a luz se fez” foram-se o prefeito, os personagens ilustres, a banda de música e os demais caravaneiros, e Aroeiras voltava ao ritmo habitual, acanhada e desconfigurada, solitária e *atrasada*. Pelas ruas do pequeno povoado ficariam apenas os seus efeitos simbólicos, diluindo-se em meio a antigas práticas, hábitos rotineiros. Agora, era preciso chegar o momento de outras festividades para que um considerável número de habitantes pudessem voltar a circular por suas ruas. E, em Aroeiras, naquela década de 1930, uma dessas festividades ocorria com certa regularidade. Com mais frequência. Eram as festas de vaquejada capaz de poder fazer com que o povoado movimentasse novamente suas ruas. Se bem que por algumas horas, ou, no mais, pela extensão de alguns dias.

Provavelmente as vaquejadas ganharam as ruas da cidade a partir da experiência de Umbuzeiro com esse tipo de *feira tradicional*. Essas festas, como lembra Gomes, “aconteciam sempre nos meses de setembro e outubro” e consistia na festa “de maior receptividade entre os povos da região”. O organizador, em Umbuzeiro e região, era o engenheiro agrônomo Roberto Pessoa, irmão mais novo do então prefeito Carlos Pessoa, “estribado no seu porte de galã de filme de aventura e no carisma que possuía<sup>11</sup>”. Roberto Pessoa, conhecido pela organização de festas de vaquejadas e bailes em Umbuzeiro e região, também ficou conhecido

---

<sup>11</sup> Veja-se Gomes, Op. Cit. 139.

como um “Homem de porte atlético, elegante e empossado”, lembrado como sendo “dotado de uma vitalidade espartana e de um jeito admirável<sup>12</sup>”.

Num sábado, 02 de outubro de 1937, a Imprensa nos dá nota sobre as expectativas geradas em torno da “animadíssima vaquejada” em que, desde as oito horas até o meio dia, “numerosa multidão se acumulava no pateo (sic) anteriormente adaptado e nas arquibancadas improvisadas pela elite umbuzeirense...” Naquela ocasião, conta, “via-se no pateo (sic) aproximadamente umas cinco mil pessoas de diversos pontos do nosso estado e do vizinho (sic) estado de Pernambuco”. Era, inclusive, comum os ganhadores serem de cidades pernambucanas, a exemplo de Limoeiro e Surubim. A festa, contudo, havia começado desde a noite anterior “com um elegante baile” prolongado “até meia noite<sup>13</sup>”. Em 1938, à 17 de Setembro, a imprensa nos dá outras notas sobre aquela que teria sido “uma semana bem movimentada para Umbuzeiro”. A movimentação se deu por conta da “disputada corrida de gados tendo como propulsor o Dr. Roberto Pessoa”. A cidade, na ocasião, “viveu momentos de indizível satisfação”. Pois, “a cidade ostentava a magnitude de uma festa solene. Centenas de pessoas, deste e de outros municípios, circulavam por nossas praças e ruas, alegres...<sup>14</sup>” Era, sem dúvida, um momento de encontro e de sociabilidades intensas para a localidade.

Currais, pista, arquibancadas tomavam o espaço da rua. Naquela disputa de 1938, havia “chovido bastante durante o dia, mas nem por isto, a imensa multidão abandonou o campo...” É de se pensar que as ruas da cidade naquela ocasião não se apresentassem tão atrativas ao passeio dos transeuntes haja vista a notícia das torrenciais chuvas que caíra. Lama Contudo, via-se ainda lotadas as duas arquibancadas principais, separando as duas comissões, “sendo uma das senhorinhas, colocando fita no peito dos que conseguiam derrubar a rês, e, outra, dos julgadores para os três que deveriam ser premiados”. A premiação era feita com a entrega de simbólicas medalhas, cunhadas para o evento em “ouro, prata e bronze”. E, além desses lugares certos, no curral de saída (senhorinhas) e nas proximidades da faixa de derrubada do boi (julgadores), havia uma tribuna de honra dedicada ao “prefeito e família, e, de outros destacados membros desta sociedade umbuzeirense, e, que faziam parte da

---

<sup>12</sup> Além de Gomes, A imprensa nos traz referências sobre o organizador das festividades de lazer e sociabilidades na comuna de Umbuzeiro e, cremos também Aroeiras. (Cf. A Imprensa, João Pessoa, Sáb. 17 de Setembro de 1938. P. 5)

<sup>13</sup> A imprensa, João Pessoa, Sáb. 02 de Outubro de 1937.

<sup>14</sup> A Imprensa, Op. Cit. 1938.

comissão de  
disputa e  
prêmios, a  
dispersava até  
do baile que  
estendia “até a  
madrugada<sup>15</sup>”.

Cremos  
Aroeiras, a



honra”. Após a  
entrega dos  
multidão se  
chegada a hora  
geralmente se  
alta

que em  
experiência

com a tradicional festa de vaquejada tenha sido por volta da década de 1940. Antes, contudo, há indícios da realização de festividade parecida durante a década de 1930. De certo, sabemos que o sucesso da festividade também ganhou forma pelas ruas da cidade atraindo multidões que lotavam os palanques e os arredores da pista improvisada na Rua Grande, ou rua do comércio como ficou conhecida. É de se pensar que a sua realização tenha sido ansiada por muitos a ponto de se querer registrar aquele momento por um maravilhoso produto da tecnologia: as imagens fotográficas. As imagens que seguem, podem nos informar muito sobre as festividades de vaquejada bem como sobre o ritmo de vida que as ruas da então Vila das Aroeiras abrigava, bem diferente da forma que foi enfatizada em notas de jornais, e livros de memórias locais. Vejamos as imagens fotográficas...

Foto 1: Corrida de Argolinhas, década de 1930 – Acervo Biblioteca Pública Municipal.

<sup>1515</sup> A Imprensa, op. cit.

Ao que tudo indica, a imagem é da década de 1930. É uma foto posada em que todos param suas atividades e voltam-se para o fotógrafo. Isso pode ser percebido na posição das pessoas juntas e enfileiradas e na disposição dos animais, cavalos e burros parados, como se também esperassem ser fotografados.

Uns de forma espontânea, outros talvez demonstrando certo espanto e resistência a cena, a exemplo do possível cavaleiro a direita da foto, de botas, calça e camisa branca de mangas compridas ganhando destaque sobre o preto de seu chapéu. Suas mãos, aparentemente seguram as rédeas de um muar montado elegantemente por uma personagem, provavelmente uma das senhorinhas que entregará o lenço ao vencedor da disputa. Perceba que na extremidade esquerda da foto, quase fora dela, outra personagem monta igualmente um animal. O detalhe das duas personagens está na tonalidade de suas roupas em cores diferentes, a denotar que pertenciam e torciam por *cordões* de torcidas distintas. A disposição daquele homem talvez se desse pelo fato de que aquela era uma prática, a saber, de montaria, frequentemente feita por homens, principalmente naquela ocasião de *disputa*.

Creemos que se trata de uma festa de argolinha haja vista a presença de lanças sendo empunhadas e eriçadas por homens e mulheres na cena. Acreditamos que a fotografia provavelmente foi tirada antes do início da festividade de argolinha. A presença da banda de música, com seus componentes expondo seus instrumentos de sopro, dariam uma nota ainda mais festiva a corrida. Nesse tipo de festa, recorda D. Olívia, “corriam os homens, a cavalo, para retirarem com a ponta da lança uma argolinha suspensa no arame. Depois iam oferecê-la a sua namorada”. E, imaginava nossa narradora, “como essas pobres ficavam encabuladas, até, no meio daquele povo...”<sup>16</sup> Imaginemos: será que alguma daquelas moças presentes na fotografia recebeu tal oferta naquele dia? Ficaram mesmo encabuladas?

O espaço, retratado fica na Rua Grande, nas proximidades da Igreja central. O local era usado como de “partida” das tradicionais corridas de argolinha e vaquejada. Era também aproveitado para construção dos palanques improvisados para abrigar os membros elite local. A “pista de corrida” partia do cruzamento entre a rua do Alto, a rua Grande e a rua Aricuru, e seguia-se até o beco da usina, nas mediações do “morro de pedras” ao fim da rua do comércio. Na Rua do Aricuru, montava-se os currais para abrigo dos animais que iriam partir. Na outra extremidade da rua, dentro do beco da usina, outro curral servia de parada no ponto de chegada. Na fotografia, avista-se um alto, avultando-se por trás dos cavaleiros e dos

---

<sup>16</sup> ANDRADE, Op. Cit. p. 46

componentes da banda de música. Era a Rua do Alto. De aspecto bem rural, onde algumas poucas casas dividem o espaço com o mato. Quase desabitado. Do lado direito da foto, bem acima das duas árvores presentes na cena, vê-se o detalhado de um alto prédio. É o teto da igreja central, bem acima das demais casas que a cena consegue captar.

No chão, a ausência de calçamento é preenchida pela presença de terra batida. Era essa, uma cena característica da Aroeiras decantada como próspera entre as décadas de 1930 e 1940. Um espaço urbano convivendo com práticas e elementos rurais em que os laços de reconhecimento e tradição animavam aquele tipo de festividade. Onde crianças, jovens, adultos e velhos dedicavam atenção especial. A outra fotografia, mais espontânea e tirada em posição oposta da anterior, é-nos reveladora em muitos aspectos desse ritmo de vida, devemos dizer, que oscilava em traços de materialidade urbana e práticas rurais. Vejamos...

Foto  
na década de  
Pública



2. Corrida de Vaquejada  
1940. Acervo: Biblioteca  
Municipal.

que a  
simbólica  
modo de  
talvez não

Dissemos  
fotografia é  
para pensarmos o  
vida de Aroeiras,  
muito diferente de

outras pequenas localidades, posto que é possível detectar a presença de certas relações e representações do universo rural imbricados com características ligeiramente urbanas. De

fato, esses traços podem ser visualizados sobre diversos ângulos. Antes façamos uma leitura sobre os aspectos gerais da foto.

Neste caso, temos uma fotografia um tanto quanto oposta a primeira. A começar pela posição em que foi tirada. Na anterior, vimos se tratar do início da Rua Grande, no sentido de que parte do Alto ao seu encontro. Como dissemos, era de lá que partiam os cavaleiros na corrida do boi, ou com suas lanças para retirar as argolas de tamanhos diferentes expostas ao longo da pista. Aqui, o fotógrafo registra o ângulo contrário da pista de corria, estando posicionado em seu ponto de chegada. Do ponto de largada, ao fundo da fotografia, nas proximidades da igreja central, cuja elevada parede lateral, a torre e o seu telhado aparecem na foto, encontrava-se organizados os palanques das autoridades e elite local.

Era provavelmente à tarde, haja vista a posição do Sol alaranjado em direção ao poente em que as casas do lado esquerdo da fotografia ganham providencial sombra, fazendo com que muitos habitantes procurassem esse lado da rua. Ao que indica, um dia de sol forte em que o acinzentado do chão contrasta com o *alinhamento* das roupas elegantes dos homens e mulheres presentes naquela festividade. Supomos que a presença dos inúmeros chapéus a cabeça dos homens a pé ou montados em cavalo, além de sinônimo de elegância, status, adereço material, e/ou mesmo sendo usado como hábito cotidiano, naquele dia servia também para a proteção do sol forte.

Além dos chapéus, conta-se a presença de alguns guarda-sol, cremos que de uso feminino, diga-se de passagem, adereço usado apenas por quem dispusesse de certas condições financeiras, haja vista a sua escassez na cena, avistando-se apenas um ou outro provavelmente colorindo o espaço com suas estampas floridas e/ou formando desenhos diversos. As inúmeras pessoas que assistiam ao espetáculo da derrubada do boi amontoavam-se enfileiramente pelas calçadas e pontas de rua formando a pista de corrida. As calçadas também funcionavam como local para se proteger do sol forte, como a que aglomera-se de pessoas do lado esquerdo da fotografia. Além das calçadas, as pedras da pedreira funcionavam com um “palanque improvisado” de uso dos populares que procuravam por melhor posição para visualizarem a peleja dos corredores em busca do boi.

A pensar pelas vestimentas, adereços, quantidade de pessoas nas ruas ocupando os mais inusitados lugares, desde as janelas das casas tomadas por crianças e adultos, ou em cima das escorregadias pedras que formavam a pedreira central, indicam ser mesmo um dia de intensa sociabilidade e encontro. Um dia de festa para a localidade.

Trata-se de uma fotografia tirada de forma espontânea em que nenhum dos habitantes parece perceber a máquina fotográfica e seu operador, a exceção da jovencinha, criança de vestido que parece acompanhar os dois adultos a sua frente cruzando a rua, quando olha de relance, talvez curiosa em saber que maquinismo era aquele. Iria ela também procurar um melhor lugar pelas “sombras das casas” quando o equipamento chamou a sua atenção? Lá, do lado esquerdo da foto, outras crianças já ocupara aquele espaço. A essa exceção, todos os demais habitantes que o foco da máquina consegue alcançar, parecem está compenetrados numa única coisa: a largada e ansiada queda do boi.

Na foto, a cena central é tomada por aqueles que eram os principais personagens naquele instante, a saber, o par de cavaleiros montados em seus cavalos que faziam a guarda do boi esperando pelo momento certo de sua derrubada. E, parece que estavam próximos da faixa. O momento certo... A expectativa toma conta dos expectadores. A platéia, composta por sujeitos de diversos locais, de todas as idades, cores e sexos, esperavam ansiosas a provável queda do boi quando a dupla fazia valer a sua empreitada. Cenas de uma festa com traços de um universo marcadamente rural.

Se muitas eram as características dos sujeitos que assistiam aquela festividade, não menos diversas eram as falas, conversas e expectativas sobre, talvez, quem seria o vencedor ao fim da competição. Certamente muitos tinham suas preferências. Na foto, além da proximidade entre os sujeitos, talvez necessárias a um ambiente não tão espaçoso que concentrava inúmeras habitantes, percebemos a presença de certos grupos de pessoas, entre três, quatro ou cinco que parecem dividir a expectativa com conversas, cremos, das mais diversas ordens. É o caso dos homens que se agrupam na parte direita da fotografia, próximo as pedras da então pedreira. Contíguos, um dos personagens debruça-se sobre o grupo como se para encontrar uma melhor visão, ou mesmo, poder exclamar: será que vão derrubar? Indícios fortes de um ritmo de vida em que certa solidariedade e reconhecimento unia o indivíduo à sociedade e ao seu grupo de pertencimento. Nesse tipo de festa, os aroirenses se encontravam, conversavam, muitos namoravam, bebiam, em síntese, se divertiam individual e/ou coletivamente. Em dias como esse a pequena Vila se enchia de vida.

Por outro lado, a esquerda da foto, a casa de esquina – antiga hospedaria e bar de D. Maria Joaquina – dá acesso ao beco da usina. De lá sai os fios de energia que, provavelmente fazia a sua distribuição para alguns pontos da Vila. Na foto, não observamos a presença de postes de iluminação pública nas proximidades. O que nos leva a crer que aquele ambiente fosse bem escuro a noite. Somando a presença das inúmeras pedras que tomavam corpo pela

rua. As pedras, além de palanques improvisados, serviam para que “os cabras ficasse (sic) batendo com umas varas para os fios faltar energia. Que ficava bem baixinho... os fios com as pedras... os fios passavam lá para as bandas da casa do finado Mané Pineco...”<sup>17</sup> O detalhe da Vila, cercada de casas, representa uma imagem característica de seu centro, pois nas demais ruas, além de escassas, as casas dividiam o espaço com a presença do mato.

Desse modo, as imagens representam certas práticas, efetivamente rurais que em muito contracenava com certas conquistas materiais que seu perímetro urbano abrigava. Práticas que, em se tratando da configuração e organização de uma pretensa vida urbana, contrastava com o que desejavam os poderes legais. Pois, sabemos, a prática da vaquejada se era feita com certa regularidade em Aroeiras e Umbuzeiro, ia de encontro ao que determinava o código de Posturas do Município, produzido em 1925 pelo então prefeito José da Silva Pessoa Sobrinho.

Aquele documento, reunia uma série de notas, informações, procedimentos que visavam “composturar” a vida municipal em seus vários aspectos. Dentre eles as normas de proibição e concessão sobre certas práticas em relação aos “costumes – trânsito público – divertimento público – mata – caça – pesca – cães”. Nesse item, determinava o código em seu artigo 290 “é absolutamente proibida, em todo o território municipal, a realização das corridas de touros”. A norma valia para a sede do município, Vila e povoados. A preço de os infratores pagarem multa de 100\$000 contos de réis. Neste caso, se não em termos práticos, ao menos no plano simbólico a corrida de gado era certamente uma afronta aos desejos dos organizadores da vida urbana. Contudo, acreditamos que dificilmente a “norma” se fazia valer e a multa era aplicada a algum de seus organizadores. Ao contrário, devemos pensar que a corrida de gados realizada em Aroeiras e Umbuzeiro funcionava como um momento político impar em que a elite administrativa se “encontrava” com muitos dos habitantes locais. Neste caso, cremos que pouco importava as determinações de um conjunto de leis comportamentais criado em tempos passados. Pois, em ocasiões como aquela a imagem festiva de uma administração que caminhava em sintonia com os “preceitos do progresso e desenvolvimento local” era o que deveria ser lembrado.

A exceção das Corridas de Vaquejada, festividade, digamos mais frequente no cotidiano daqueles antigos moradores, e/ou mesmo as corridas de Argolinha, Aroeiras dificilmente veria novamente tanta gente aglomerada por suas ruas. **Assim dissemos...** Desse

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida ao autor pelo senhor José Guedes de Oliveira 04 de Maio de 2009.

modo, cremos que nesse espaço, ou seja, no espaço urbano da Aroeiras em “construção” naqueles idos de 1930, ao que nos indicou as imagens fotográficas, muitos dos elementos urbanos estavam imbuídos com muitas práticas e hábitos rurais nos levando a crer que apenas em momentos de sociabilidades como as inaugurações tradicionais festas em Aroeiras eram capaz de quebrar o seu ritmo de vida característico. Aroeiras, diferentemente de como será decantada em muitas memórias da época, não se tornou uma cidade moderna por excelência permanecendo com muitos de seus impasses e limitações.